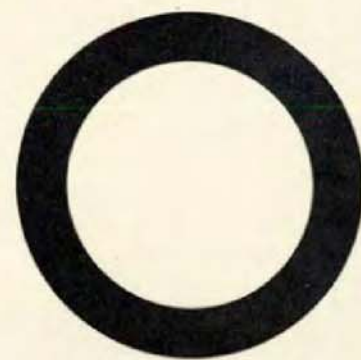
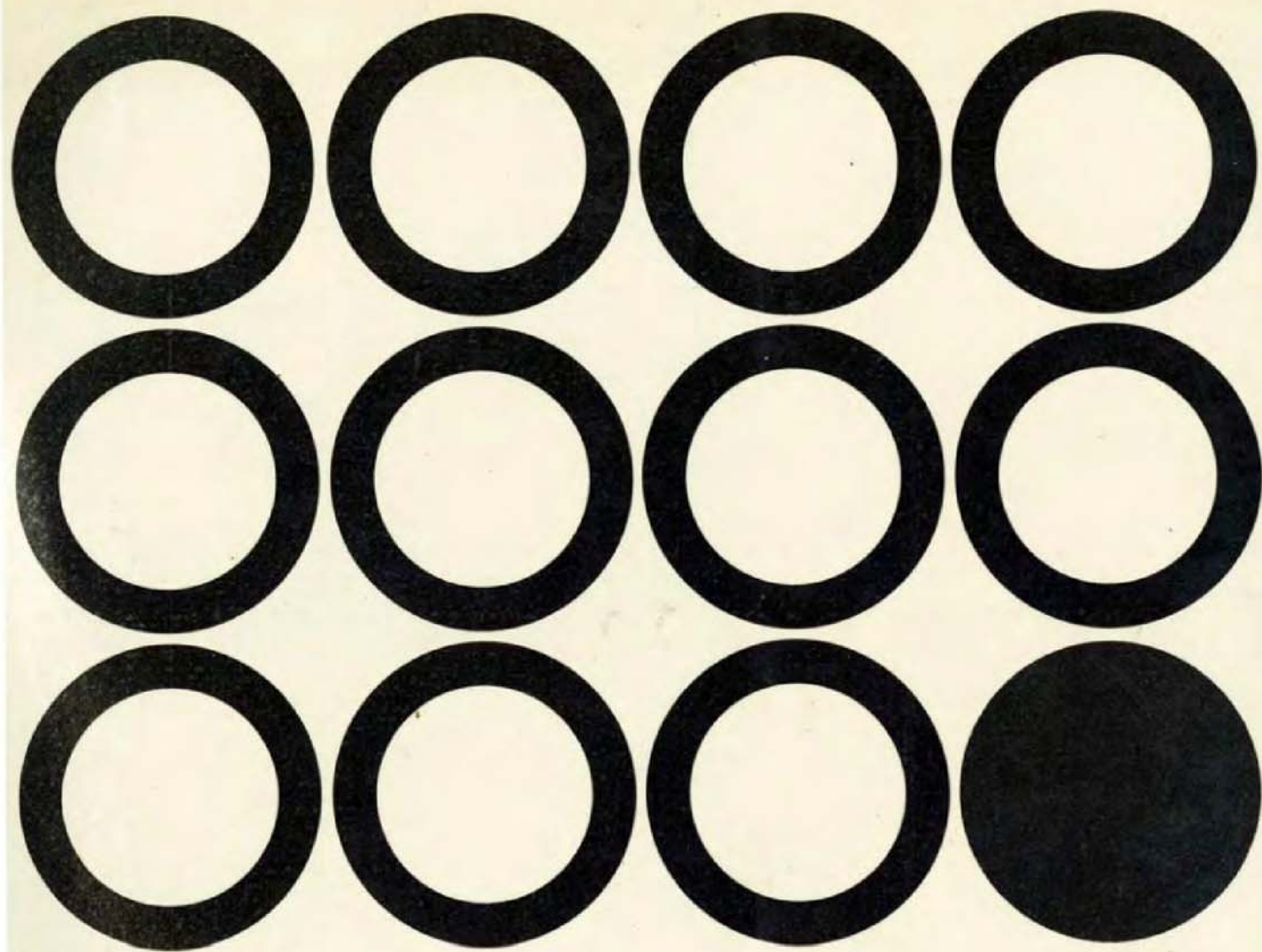




XII BIENAL DE SÃO PAULO
OUTUBRO / NOVEMBRO 1973

África do Sul

Comissário: A. J. WERTH

Exposição organizada pela The South Africa Association of Arts, JOHANNESBURG.

Partindo da hipótese de que os países, representados na passada Bienal de São Paulo, voltariam em 1973 a apresentar obras de arte características do seu país refletindo o seu passado cultural, a contribuição da África do Sul é pois tradicional. Embora os temas sugeridos para a Décima Segunda Bienal dêem ênfase à arte como uma forma de comunicação de massas nos vários aspectos da vida social, a contribuição da África do Sul apresenta reações de vários sul-africanos, de raças diferentes, ao desafio do continente africano de hoje. Cremos contudo, em que a contribuição da África do Sul à Décima Terceira Bienal esteja bem mais de acordo com os novos temas sugeridos recentemente pelos organizadores da Bienal. *Alexis Preller* é a figura central à volta da qual se edificou a delegação sul-africana. Nos primórdios da sua carreira artística já estabeleceu uma forte mitografia africana. Subseqüentemente enveredou pelo caminho de uma arte em que os mitos de toda a humanidade se encontram entrelaçados. Começando com motivos tirados da via tribal africana, seus rituais, crenças no animismo e veneração dos antepassados, evoluiu gradualmente para uma forma de arte altamente complexa, englobando culturas tão variadas como as da antiga Grécia (comparem-se as suas figuras "Kouros"), do Egito, da África Central e do homem urbano moderno. Neste aspecto a sua arte está ligada à dos outros artistas sul-africanos que tomam parte na exposição. As tapeçarias de *Rorke's Drift* expressam a arte africana tradicional ao serviço de uma religião nova: o passo gigante dado pelos africanos que, até pouco tempo estavam embrenhados nas tradições e cultos da vida tribal adotando depois os ensinamentos da Igreja Luterana Evangélica e se reconciliando assim com a cultura dos seus mestres. Disto resultou uma arte altamente remanescente da arte dos primitivos cristãos da Europa Medieval mas adicionada de uma força e virilidade e ao mesmo tempo de uma libertação ingênua verdadeiramente africanas. Estes indígenas têm um poder narrativo de traduzir o folclore, lendas da Bíblia e cenas da vida quotidiana em tapeçarias altamente decorativas. A ausência de perspectiva, típica da arte "primitiva", harmoniza-se admiravelmente à tapeçaria como arte bi-dimensional. *Leonard Matsoso* é acima de tudo um desenhista, embora a sua interpretação de formas tri-dimensionais pesadas sugira que ele trabalha tendo presente a forma escultural. Os seus desenhos arrojados, no entanto delicados, refletem o espírito africano imbuído de lendas, mitos e folclore, e ao mesmo tempo confrontado pela problemática da vida urbana moderna e em conflito para com ela se reconciliar. Ele é, além de tudo uma espécie de expressionista em luta com a realidade áspera da vida dos bairros indígenas e com os aspectos cruéis e freqüentemente brutais do mundo de hoje. De um estilo baseado fundamentalmente em formas orgânicas, um estilo áspero, abrasivo e mesmo duro, *Johan van Heerden* desenvolveu nos últimos anos uma nova faceta da sua obra escultural. Os seus últimos trabalhos evidenciam uma reação contra o seu estilo anterior. Têm normalmente uma base altamente geométrica uma certa impessoalidade industrial, possuindo ao mesmo tempo uma beleza sóbria, muito atraente. Assim, embora remanescentes das primeiras estruturas de artistas como *Ad Reinhardt* e *Barnett Newman*, estes trabalhos não são tão impessoais. *Ronald Mylchreest* começou a sua carreira como pintor, tendo mudado para outro meio, o da madeira, no fim dos anos "sessenta". As suas criações são formadas por plaquetas de madeira, adicionando à sua cor e textura naturais um ou outro produto tal como óleo de linhaça ou mesmo tinta. Os primeiros

exemplos deste tipo de obra executados por Mylchreest possuíam uma forte orientação vertical-horizontal e profunda mobilidade plástica. Posteriormente as formas tornaram-se menos densas e maior ênfase foi dada à textura e cor, a que deu à sua obra uma nota mais pessoal. As formas que usa incluem plantas indígenas de África e os seus trabalhos enquadram-se naturalmente na paisagem sul-africana. Ele interessa-nos contudo, primordialmente devido à sua técnica hábil e ao uso extremamente delicado da textura e forma nas suas criações graciosamente orquestradas. O artista europeu Preller e os artistas de cor Matsoso e os que trabalham na missão Rorke's Drift têm pois um laço comum na sua arte: África e os seus mitos, folclore e mistério, com as suas asperezas mas também com os seus momentos de alegria espontânea, com os seus ritmos contraditórios, contrastes fortes de luz e sombra e explosões brilhantes de cor. Mas este laço entre os nossos artistas pode ser também verificado confrontando-se na África o homem vivendo num estado semiprimitivo e o homem científica e tecnologicamente especializado vivendo em cidades altamente civilizadas e modernas. Deste último tipo de artista Van Heerden e Mylchreest são verdadeiros expoentes. Mas todavia eles estão ligados a África (apesar da qualidade internacional das suas obras) pela interpretação delicada da flora e cor locais, ritmos e papel desempenhado pela luz no nosso ambiente natural.

A África do Sul tem sido freqüentemente chamada de terra de contrastes e a verdade desta asserção reflete-se certamente nas suas artes plásticas. Mas para aqueles indivíduos com sensibilidade e visão suficientes para ver além destes contrastes flagrantes, há ainda uma unidade mais profunda: a fraternidade com a África, esse continente misterioso e ainda não completamente explorado, vibrando com um poder adormecido.

Working on the assumption that countries exhibiting at the São Paulo Biennial would again in 1973 show works of art peculiarly their own, reflecting their own cultural background, the South African contribution is, once more, traditional. Whereas the themes suggested for the Twelfth Biennial stress art as a form of mass communication in various aspects of the larger social environment, this South African contribution presents the reactions of various South Africans of different races to the challenge of the African continent today. It is foreseen that the South African contribution to the Thirteenth Biennial will be much more in keeping with the new themes suggested recently by the Biennial authorities.

The central figure around which this South African contribution has been built up is *Alexis Preller*. Earlier in this artistic career he already established a very potent African mythography, moving later towards an art in which the myths of all mankind were involved; beginning with motifs taken from African tribal life, its rituals, its belief in animism, its ancestor worship, he gradually evolved a highly complex form of art encompassing such varied cultures as that of ancient Greece (compare his "kouros" figures), of Egypt, of central Africa and of modern urbanised man. In this his art is linked to the other artists in the South African exhibition.

The *Rorke's Drift* tapestries reflect the expression of the traditional African art in service of a new religion: the giant step taken by Africans who, up till recently, had been absorbed in the traditions and cults of tribal life and had then taken on the teachings of the Evangelical Lutheran Church and come to terms with the culture of their teachers. The result of this has been an art strongly reminiscent of the art of the early Christians in mediaeval Europe, but with a strength and virility, also a certain naive freedom, which is truly African. These Africans have a narrative gift of translating folklore, Bible legends and scenes from everyday life into richly decorative tapestries. The lack of perspective typical of "primitive" art is admirably suited to the tapestry as a two-dimensional form of art.

Leonard Matsoso is primarily a draughtsman, although his vivid rendering of heavy, third dimensional shapes suggests that he works with sculptural form in mind. His bold yet sensitive drawings reflect the African mind steeped in legend, myth and folklore, but at the same time a mind confronted by the sophistication of modern urban life and battling to come to terms with it.

He is, furthermore, a kind of expressionist grappling with the harsh realism of township life, the cruel and often brutal aspects of the everyday world.

From a style which was based primarily on organic forms, a style harsh, abrasive, powerful and even tough, *Johan van Heerden* has over the last few years evolved a new approach in his sculptural work. His latest works show a reaction against the personal expression of his former style. It usually has a strong geometric base, a certain industrial impersonality but still possessing a stark beauty which remains appealing. Thus whilst being allied to the primary structures of artists like Ad Reinhardt and Barnett Newman, these works are not so impersonal.

Ronald Mylchreest who started his career as a painter changed to a new medium, that of wood, in the late sixties. His designs are assembled from planes of wood, to the natural colour and texture of which he usually adds some kind of material such as stain or even paint. Early examples of this type of work by Mylchreest possessed a strong vertical-horizontal order and plastic movement in depth. Later the forms loosened up, and a greater play of texture and colour gave the work a more personal note. In his use of forms he takes note of the indigenous plants of Africa and his works fit naturally into the South African landscape. He interests us primarily, however, because of his skillful technique and his extremely sensitive use of texture and form in his beautifully orchestrated designs.

The White artist, Preller, and the Black artists Matsoso and those working for the Rorke's Drift mission station have, therefore, a common bond in their art: Africa and its myths, folklore and mystery; with its harshness but also with its spontaneous moments of joy; with its clashing rhythms, strong contrasts of light and shade and vivid splashes of colour. But this bond between our artists can also be seen in the confrontation in Africa between man living in a semi-primitive state and man, highly skilled in science and technology, living in highly civilized modern cities. Of the latter type of man the artists Van Heerden and Mylchreest are the true exponents. But they, again, are linked to Africa (despite the international quality of their work) by means of their sensitive interpretation of local plant forms, local colour, rhythms and the play of light on our natural surroundings.

South Africa has so often been called a land of contrasts, and the truth of this is certainly reflected in its visual arts. But for those sensitive enough to see beyond these obvious contrasts there is also a deeper unity: the bond with Africa, the mysterious continent, still not fully discovered, vibrating with slumbering power.

HEERDEN, Johan van (1930 — Bethal)

Aço inoxidável

1. Sem título. 126 x 116 cm.
2. Sem título. 116 x 116 cm.
3. Sem título. 122 x 118 cm.
4. Sem título. 118 x 118 cm.

Aço inoxidável fornecido por THE SOUTHERN CROSS STEEL COMPANY OF SOUTH AFRICA.

MATOSO, Leonard (1950 — Johannesburg)

Óleo sobre Papel

5. "Dança Tribal Africana". 41x183
6. "Agonia e a Besta". 41x178
7. "O Mateiro" (ou: "O Colono"). 41x166 cm.

MYLCHREEST, Ronald (1920 — Johannesburg)

Óleo sobre Madeira

8. "Citação". 183 x 300 cm.
9. "Eenie Meenie Minie Mo". 163 x 122 cm.
10. "Johannesburg". 91,5 x 104,5 cm.

PRELLER, Alexis (1911 — Pretoria)

Óleo

11. Agaménnon — 106,5 x 122 cm.
12. Adão — 102 x 102 cm.
13. Icarus I — 123 x 153 cm.
14. Icarus II — 183 x 183 cm.
15. Nunca Saberás — 137,5 x 137,5 cm.

Técnica mista

16. Kouros Perdido — 122 x 92 cm.
17. Maratona — 122 x 137 cm.
18. Dois Anjos — 92 x 122 cm.
19. Rei de Ouro/Anjo — 92 x 107 cm.
20. Apollo Kouros I — 127 x 92 cm.
21. Apollo Kouros II — 122 x 152,5 cm.

Em 1963 foi criado um Umpumulo, Natal, o centro de artesanato ELC, sob o patrocínio da Igreja Evangélica Luterana da África do Sul, Região Sudeste. A primeira oficina existente foi uma oficina de tecelagem, incluindo cardagem, fiação e tingição da lã. Em 1965 este centro deslocou-se para Rorke's Drift no Natal. 1963-1967: exposições do artesanato deste centro em escolas de arte da Suécia e nos Museus de Arte moderna e Artesanato contemporâneo na Suécia e Dinamarca. 1967-1970: exposições na Galeria Nacional da Cidade do Cabo, na Galeria de Arte de Durban, na Galeria de Arte de Pietermaritzburg e no Canadá e Suécia. Exemplos de tapeçarias e outros artigos de artesanato de Rorke's Drift têm sido adquiridos por numerosas coleções públicas e particulares na África do Sul e no estrangeiro. As tapeçarias são criadas e executadas inteiramente por membros deste centro de artesanato. Todos pertencem ao povo kwazulu.

KWAZULU TAPESTRIES

In 1963 the ELC Artland Craft Centre was started at Umpumulo, Natal under sponsorship of the Evangelical Lutheran Church of South Africa, South Eastern Region. The first workshop was a weaving workshop including carding, spinning and dyeing of the wool. In 1965 the Centre moved to Rorke's Drift, Natal. 1963-1967: exhibitions of arts and crafts of the Centre in art schools in Sweden and at the Museums of Modern Art and of Contemporary Crafts in Sweden and Denmark. 1967-1970: exhibitions at National Gallery, Cape Town, at Durban Art Gallery, at Pietermaritzburg Art Gallery and in Canada and Sweden. Examples of Rorke's Drift tapestries and other crafts have been sold to numerous public and private collections inside South Africa and abroad. The tapestries are designed and executed entirely by members of the Art and Craft centre. These members all belong to the kwaZulu people.

1. **O Casamento Zulu** — 182,8 x 624,3 cm.
Desenho: Ephraim Siqubu; Tecelagem: Esther Nxumalo e Philda Majozi.
2. **Crueldade de Shaka** — 188 x 246,3 cm.
Desenho e tecelagem: Esther Nxumalo e Philda Majozi.
3. **O leão cruel** — 134,6 x 190,5 cm.
Desenho: Jessi Dlamini; Tecelagem: Jessi Dlamini e Regina Buthelezi.
4. **O curral Zulu** — 137,2 x 209,5 cm.
Desenho: Jessi Dlamini; Tecelagem: Jessi Dlamini e Regina Buthelezi.
Propriedade de R. Olowin.